O CORPO FEMININO COMO MERCADORIA: A SUBMISSÃO DA MULHER NA CULTURA CHINESA

Eduardo Lima [1]

Emanuele Salgado Farias [2]

Eduardo Lima [3]

Jaqueline Carvalho Quadrado [4]

Monique Bronzoni Damascena [5]

Resumo:

Os pés de lótus tratavam-se de uma prática que iniciou no século XV, durante a dinastia Tang na China. A tradição conta que o Imperador chinês Li Yu se apaixonou por uma bailarina, que possuía pés minúsculos, enquanto ela realizava uma dança tradicional conhecida como "A dança de lótus". Segundo fatos históricos "em virtude do Imperador sentir desejo por muitas mulheres e descobrindo o seu gosto peculiar por pés pequenos, as chinesas da época idealizaram uma técnica da qual diminuía seus pés" (GRAFF, 2017, p. 6). Segundo Graff (2007, p. 8), a prática era vista como questão de status, pois tal tradição simbolizava riqueza, e se tornou um padrão de beleza daquela cultura, pois quanto menor os pés das mulheres, mais desejadas elas eram pelo público masculino, resultando em um bom casamento. No entanto, esse costume começou se mostrar negativo para as mulheres, visto que a maioria delas que realizavam o procedimento acabavam adquirindo deficiências locomotoras e sedentarismo. De acordo com Saffioti "a relação de gênero é historicamente construída, havendo um "regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens" (2004, p. 44). Logo, essa lógica predominava a necessidade de agradar e seduzir os homens, visto que eram ensinados a sentirem atração por pés pequenos e pensarem que as garotas que suportaram essa dor por anos não iriam se opor às ordens do marido, porém o histórico da prática era ocultada. Nesse sentido, em muitas culturas existe a ideia de que a mulher deve se arrumar para se entregar ao homem, mesmo que isso acarrete problemas para sua saúde. Segundo Stein, o site "Hipercultura": Na China as garotas que amarravam seus pés e os mutilavam não possuíam uma vida confortável, pois cumpriam uma carga de trabalho muito alta, visto que era uma maneira de garantir que as jovens permanecessem sentadas e executasse suas tarefas por várias horas. Elas eram exploradas produzindo os fios, os panos, as esteiras, os sapatos e as redes de pesca das quais as famílias da comunidade retiravam seu sustento. As mulheres eram ensinadas que isso as ajudariam arranjar um bom casamento e alcançar a felicidade.

Palavras-chave: Cultura; Padrão de Beleza; Feminismo.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

O CORPO FEMININO COMO MERCADORIA: A SUBMISSÃO DA MULHER NA CULTURA CHINESA

[1] Aluno de graduação. elima2929@gmail.com. Autor principal

[2] Aluno de graduação. emanoele.htre@gmail.com. Apresentador

[3] Acadêmico de Serviço Social, na Universidade Federal do Pampa, Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) no projeto relações de gênero no contexto escolar.. elima2929@gmail.com. Co-autor

[4] Doutora em Sociologia UnB (2014). Mestre em Serviço Social PUCRS (2001). Bacharel em Serviço Social UCPel (1998). Professora Adjunta II da Universidade Federal do Pampa. Atua principalmente nos seguintes temas: relações de gênero, políticas para mulheres, violência, saúde pública, sistema de segurança e prisional. . jaquelineq18@yahoo.com.br. Co-autor

O CORPO FEMININO COMO MERCADORIA: A SUBMISSÃO DA MULHER NA CULTURA CHINESA

1 INTRODUÇÃO

Os pés de lótus tratavam-se de uma prática que iniciou no século XV, durante a dinastia Tang na China. A tradição conta que o Imperador chinês Li Yu se apaixonou por uma bailarina, que possuía pés minúsculos, enquanto ela realizava uma dança tradicional conhecida como "A dança de lótus". Segundo fatos históricos "em virtude do Imperador sentir desejo por muitas mulheres e descobrindo o seu gosto peculiar por pés pequenos, as chinesas da época idealizaram uma técnica da qual diminuía seus pés" (GRAFF, 2017, p. 6).

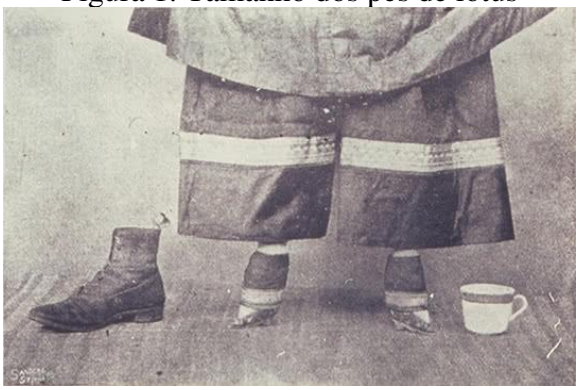
Segundo Graff (2007, p. 8), a prática era vista como questão de status, pois tal tradição simbolizava riqueza, e se tornou um padrão de beleza daquela cultura, pois quanto menor os pés das mulheres, mais desejadas elas eram pelo público masculino, resultando em um bom casamento. No entanto, esse costume começou se mostrar negativo para as mulheres, visto que a maioria delas que realizavam o procedimento acabavam adquirindo deficiências locomotoras e sedentarismo.

De acordo com Saffioti "a relação de gênero é historicamente construída, havendo um "regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens" (2004, p. 44). Logo, essa lógica predominava a necessidade de agradar e seduzir os homens, visto que eram ensinados a sentirem atração por pés pequenos e pensarem que as garotas que suportaram essa dor por anos não iriam se opor às ordens do marido, porém o histórico da prática era ocultada.

Nesse sentido, em muitas culturas existe a ideia de que a mulher deve se arrumar para se entregar ao homem, mesmo que isso acarrete problemas para sua saúde. Segundo Stein, o site "Hipercultura": Na China as garotas que amarravam seus pés e os mutilavam não possuíam uma vida confortável, pois cumpriam uma carga de trabalho muito alta, visto que era uma maneira de garantir que as jovens permanecessem sentadas e executasse suas tarefas por várias horas. Elas eram exploradas produzindo os fios, os panos, as esteiras, os sapatos e as redes de pesca das quais as famílias da comunidade retiravam seu sustento. As mulheres eram ensinadas que isso as ajudariam arranjar um bom casamento e alcançar a felicidade (2017, p. 05)

A tradição apenas desapareceu quando houve a Revolução Industrial ampliou a quantidade da produção do tecido e reduziu drasticamente a produção manual. No entanto, as chinesas que haviam realizado a prática continuaram passando muitas dificuldades para caminhar e eram frequentes as quedas. O governo chinês baniu a prática apenas no século XX porém, essa dolorosa técnica ainda era submetida em garotas da área rural do país até os anos de 1940, atualmente ainda é possível encontrar algumas mulheres, agora idosas, que exibem seus pés deformados (GRAFF, 2007, p. 6).

Figura 1: Tamanho dos pés de lótus



Fonte: Hipercultura (2017).

A conscientização sobre que a mulher não deve ser submissão ao homem, defendendo assim uma igualdade de gênero, apesar do contexto social inseridos.

> O outro ângulo a partir do qual se podem analisar as relações entre homens e mulheres é o individual. Casais são capazes, embora raramente, de construir uma relação par, igualitária, sem hierarquia. Isto ocorre raramente, uma vez que esta convivência democrática entre homens e mulheres contraria todo o contexto social no qual acontece (SAFFIOTI, 2001, p. 09).

Se compreende a extrema necessidade de descrever o espaço ocupado pelas mulheres ao longo dos anos em diversas sociedades e, especialmente, como as sociedades em geral constitui-se em um padrão machista e androcêntrico enraizado, obrigando-as a se tornar submissas, pela imposição social.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada na construção desse trabalho foi a revisão bibliográfica, como parte da construção da pesquisa qualitativa sobre a temática. O método de análise da realidade, que colabora na construção da discussão, é o Método de Marx (NETTO, 2012).

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Na sociedade convivemos com diversas tentativas de padronização, podendo citar entre elas: a estética presente na televisão, propagandas em redes sociais ou ao abrirmos uma revista podemos notar o padrão de mulheres magras, brancas, altas, com sorrisos brancos, cabelos lisos que são as consideradas "bonitas". Portanto, "o indivíduo 'aceitável' é aquele que segue ou se enquadra no padrão social dominante. Quem não se adapta a este padrão vive à "margem da sociedade", sendo culpado por não possuir ou se aproximar deste ideal" (SAN'ANNA, 2005).

Novaes em entrevista para o Instituto Humanitas da Unisinos (IHU), explica como as pessoas se sentem em relação à sua aparência, visto que elas são cobradas a se encaixarem dentro do padrão de estética. Essa pressão imposta pela necessidade de se encaixar em grupos sociais, pode ocasionar problemas prejudiciais à saúde, como: malhar excessivamente, não comer para manter um corpo magro ou entre outros procedimentos estéticos que ocasionam graves riscos.

Esses padrões são reverberados pela sociedade capitalista que promove uma busca constante pela necessidade de incluir-se aos grupos sociais através do consumo ou do padrão social do grupo, o qual impositivamente se faz como exigência do capitalismo sobre os trabalhadores para ampliação do consumo. Diante disso, "as alienações ganham uma nova qualidade ao brotarem da propriedade privada, da exploração do homem pelo homem e do patriarcalismo. Nelas, a exploração do homem pelo homem ganha, aos poucos, um caráter de naturalidade, embora seja social" (LESSA; TONET, 2011, p. 91). A alienação na sociedade capitalista contemporânea avança para além da alienação instituída na produção de mercadorias. Avança sobre os corpos que são fonte da força de trabalho, que é mercadoria também consumida no modo de produção capitalista.

Para que as percepções alienantes sobre o corpo da força de trabalho feminina, principalmente, perpassam pela conscientização de classe social a qual está inserida, e, da necessidade de construir uma igualdade de gênero entre homens e mulheres, buscando o fim do patriarcado na sociedade contemporânea. Essas discussões são base para a construção do

novo paradigma feminista que compreende o gênero como uma ferramenta para uma visão crítica dos padrões estabelecidos aos homens e as mulheres, principalmente na forma de viver suas masculinidades e feminilidades.

> Exatamente porque o conceito de gênero enfatiza essa pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras "marcas" sociais, tais como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. É necessário admitir também que cada uma dessas articulações produz modificações importantes nas formas pelas quais as feminilidades ou as masculinidades são, ou podem ser, vividas e experimentadas por grupos diversos, dentro dos mesmos grupos ou, ainda, pelos mesmos indivíduos, em diferentes momentos de sua vida (MEYER, 2013, p. 19).

Cada sociedade produz sua cultura baseado em ideais religiosos, estéticos e que constroem entre si. Outra cultura que colocam sobre as mulheres a necessidade de estarem bonitas para agradar os homens. As mulheres padaungs, conhecidas também como mulheres girafas pela utilização de argolas de ouro no pescoço, que residem em vilarejos na Tailândia, situada no centro da península da Indochina no Sudeste asiáticos (GRAFF, 2007), as quais passavam por trabalhos manuais muito parecidos com as portadoras dos pés de lótus, como produzir peças de artesanato ou trabalhar em máquinas de tear.

Na china existiam diversos padrões de beleza, que lembram os da Coreia e do Japão, como evitar o sol e fazer tratamentos estéticos ou usar produtos clareadores como o pó de arroz para manter a pele clara. Outro aperfeiçoamento vindo do ocidente é técnica de alisamento capilar feito pela Chapinha (GRAFF, 2007) instrumento eletrônico criado com o intuito de alisar os cabelos- e o delineador que causa um efeito de alongamento nos olhos fazendo com que o rosto fique com um aspecto mais delicado e oval, com um ar de boneca. Segundo o site Mais Equilíbrio, em 2005, foram registrados 35 mil casos de chinesas que fizeram cirurgia plástica para "amendoar" os olhos. Vale ressaltar que, conforme a página Awebic, os índices de massa corporal da China são tão baixos que são considerados anoréxicos.

O pé de lótus, além de técnica de padronização de beleza, também apresenta contexto histórico, as praticantes que possuíam maior poder aquisitivo utilizavam a prática como demonstração de riqueza, pois significava que a mulher não precisava de seus pés para trabalhar e realizar os afazeres da casa. Já as praticantes paupérrimas eram estimuladas para acreditar que conseguiriam chegar nesse mesmo status socioeconômico, quando na verdade as famílias aproveitavam-se das horas a fio que elas ficavam sentadas para desempenhar um propósito econômico crucial na área da manufatura, submetendo-as a produzir fios, redes de pesca, sapato, entre outros produtos capaz de manter financeiramente essa família. Com essa imposição estética, ter pés pequenos era visto como um passaporte para um melhor casamento, e consequentemente uma melhor condição de vida, pois numa visão convencional, isso existia para agradar e seduzir os homens, pois eles eram condicionados a sentir atração por pés pequenos.

De acordo com Graff (2007), o procedimento se iniciava em torno dos cinco (5) anos de idade, onde a mulher mais velha da família realizava todo o processo de imergir os pés da menina (submetida ao procedimento) em água fervente ou então em sangue de animais com ervas, realizava o corte das unhas, massageava os membros inferiores, e após isso realizava a quebra dos ossos dos dedos dos pés, depois eles eram atados com curativos e fitas mantendo os dedos para baixo, as bandagens eram removidas regularmente para limpeza e recolocadas ainda mais fortes, criando um formato triangular e côncavo do membro. Após a primeira sessão de quebra dos ossos, deveria se repetir diariamente os mesmos cuidados com o

objetivo de alcançar o tamanho desejado. Durante o processo (que poderia vir a durar anos) era comum o surgimento de infecções, mesmo aparando regularmente as unhas das regiões posteriores, muitas meninas tiveram suas unhas totalmente arrancadas. No entanto tais infecções poderiam retornar, pois a circulação era cortada com a quebra dos dedos e dobramento dos mesmos para baixo do pé, e sem a circulação sanguínea, havia a necrose do tecido e queda dos dedos, o que era considerado bom para as praticantes, pois facilitava o manejo e enfeixamento. Porém, as meninas chinesas começaram a ter dificuldades para manterem-se em pé e, frequentemente, caiam. Realizar esses procedimentos por anos também deformava os ossos do quadril e da coluna, o que aumentava os riscos de fraturas no fêmur.

A tradição do pé-de-lótus manteve-se por mais tempo em áreas rurais, a qual ainda era mais aproveitável fazer produtos de forma manual, como tecidos decorados. Nas áreas urbanas foram instaladas fábricas que se tornaram as principais responsáveis pela produção dos tecidos, dessa forma, a tradição começou a diminuir pois não era mais tão necessária a manufatura dessas jovens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o estudo realizado através de pesquisas e com embasamento referenciais sobre a vida das mulheres chinesas, é possível perceber que a maioria das imposições de padrões de beleza de diversas culturas estão direcionados às mulheres. Sendo que a maioria dessas são prejudiciais à saúde física e psíquica do gênero feminino. Há muito tempo sua força e sua capacidade de trabalhar e liderar é subestimada por homens e, sabendo disso, podemos compreender o porquê culturalmente a prática do Pé de Lótus - que as impediam de realizar trabalhos que requerem alguma ação além do manuseio e tem a necessidade de ficar em pé-, pelo simples fato de que acreditavam que só assim conseguiriam uma ascensão social e financeira, pois havia a falsa aparência de riqueza perante a sociedade, sem saber que, na verdade, estavam cultivando uma forma de mutilação e opressão ao gênero feminino encoberta por uma ideia de beleza e aceitação no âmbito masculino.

É irreparável os danos que essa tradição causou nas mulheres que foram obrigadas, desde criança, a realizar todo esse processo de extirpação contra si e repassar de geração para geração sem perceber o erro que estava cometendo pois estava absorvida por um tipo de alienação social.

Além do exposto, é possível compreender que os padrões de beleza são construídos em diversas culturas e as atribuições relacionadas ao gênero e a formas de viver masculinidades e feminilidades são modificadas ao longo da história. Portanto, é possível perceber que a cultura chinesa mudou, porém outras formações de submissão das mulheres aos homens estão presentes nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido, é fundamental buscar a consciência de classes em conjunto com as interseccionalidades para a construção de uma sociedade com equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação:** teoria e política. In. LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do Método de Marx.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAN'ANNA, Denize Bernuzzi de. **É possível realizar uma história do corpo**? In: Bueno Lucia; Ana Lúcia (org). Corpo Território da Cultura. São Paulo: Annablume, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth, **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**, cadernos pagu, 2001

GRAFF, Leonardo. **Conheça os pés de lótus, a técnica de beleza mais dolorosa praticada na china**. 01 de Novembro de 2017. Disponível em: <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/conheca-os-pes-de-lotus-tecnica-de-beleza-mais-dolorosa-praticada-na-china/>.Acesso em: 07/09/2018.

STEIN, Carlos. **Pés de lótus:** a história por trás da tradição do pé de chinesa. Disponível em: <https://www.hipercultura.com/a-historia-por-tras-da-tradicao-do-pe-de-chinesa/>. Acesso em: 06/09/2018

NOVAES, Vilhena de Joana, **A revolução feminista não transformou o papel da mulher, mas agregou funções a ela,** 23 Agosto 2007**,** http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/9109-%60a-revolucao-feminista-nao-transformou-o-papel-da-mulher-mas-agregou-funcoes-a-ela%60-entrevista-especial-com-joana-de-vilhena-novaes, acesso em: 06/09/2018

MAIS Equilíbrio. HIPERCULTURA. 2005. Disponível em: <http://www.maisequilibrio.com.br/beleza/a-beleza-chinesa-6-1-5-345.html>. Acesso em: 07/09/2018